

COMPLEXO MULTIUSO PARA A CIDADE DE CHAPECÓ – SANTA CATARINA

Robson Zardinello*

Anderson Saccol Ferreira**

Resumo

O estudo tem como tema o desenvolvimento de um anteprojeto arquitetônico de um complexo multiuso para a cidade de Chapecó (SC), que objetiva conciliar o desenvolvimento econômico da cidade com a qualidade de vida da população. Com a problemática de atender às necessidades das empresas, colaboradores e clientes e ainda garantir as atividades sociais e comerciais em horário estendido, o anteprojeto arquitetônico se firma na proposta de uma nova forma de organização empresarial. Para tornar isso possível, foram levantadas as informações necessárias por meio de estudos de caso e pesquisa documental, que possibilitaram a coleta de informações construtivas pertinentes à proposta arquitetônica para a posterior análise da melhor localização a ser estabelecido o empreendimento. Com base no estudo, o que se pode observar é que o mundo passou por intensas mudanças. Ao contrário do que ocorria nos séculos passados, a relação das pessoas com o trabalho recebeu um novo sentido, e a arquitetura recebeu o papel de tornar tangível a idealização de espaços ideais para fazer negócios, compras, interagir com as pessoas e com a natureza.

Palavras-chave: Complexo Multiuso. Chapecó. Arquitetura.

1 INTRODUÇÃO

O estudo tem como tema o desenvolvimento de um anteprojeto arquitetônico de um complexo multiuso para a cidade de Chapecó (SC). O empreendimento apresenta um conceito novo de local de trabalho, que valoriza a qualidade de vida e a eficiência dos ocupantes, resultando em um

cenário totalmente diferenciado para o setor empresarial. Agregando os usos comercial e corporativo, o complexo multiuso promete funcionar como um centro de trabalho, lazer e compras.

O objetivo da proposta é intensificar o desenvolvimento econômico da cidade de Chapecó (SC), bem como a qualidade de vida da população, conciliando esses fatores. Para isso, a proposta firma-se na concepção de um espaço comercial e corporativo que integra espaços privativos e sociais meio à natureza, em uma cidade que apresenta uma potencialidade considerável na esfera socioeconômica da Região Oeste catarinense.

Para que fosse possível compreender o modo como se comporta um complexo multiuso, foi utilizado o método de estudo de caso. A partir desse método foram levantadas informações importantes sobre layout, processos construtivos, setorização dos ambientes e seus fluxos. Além disso, foi realizado um estudo documental, onde foram analisadas as exigências construtivas que o Plano Diretor do município de Chapecó (SC) estabelece para o zoneamento onde se localiza o terreno escolhido para a instalação do complexo multiuso.

Gradativamente, as empresas vêm apostando na criação de espaços que proporcionem mais qualidade de vida. Isso reflete no aumento da criatividade e no rendimento de suas equipes. Paralelo a isso, as cidades estão cada vez maiores e saturadas, o que resulta em muita lentidão na realização das tarefas cotidianas para um ritmo de vida cada vez mais acelerado. A soma desses fatores acaba gerando a possibilidade e necessidade de intervenção arquitetônica no meio urbano, a fim de elaborar novos e melhores espaços capazes de criar novos paradigmas, superando os centros de trabalho tradicionais.

A pesquisa, de caráter descritiva, fundamenta-se na análise e registro das características e variáveis relacionadas aos fenômenos da esfera empresarial, abordados no decorrer da história pelos maiores estudiosos da área. Esse processo se firma na busca por subsídios para a compreensão da organização empresarial externa atual, relacionando-a aos interesses

intrínsecos de seus componentes e ao ofício do arquiteto e urbanista na composição de espaços que sintonizem arquitetura, homem e trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO EMPRESARIAL

Desde as últimas décadas do século XX, o crescimento das empresas e sua importância global tem se manifestado de maneira fervorosa. Atualmente, meio ao consumo demasiado e à desenfreada aceleração organizacional, o mundo é tomado pelas grandes corporações, e a verdade absoluta por trás de suas origens se mantém comedida. Conforme o afirmado por Sousa (2010), a história empresarial compõe uma área disciplinar muito importante, mas ainda é pouco desenvolvida no campo teórico e nas pesquisas empíricas. Além dessa problemática, Machado (2011) diz que é difícil determinar o momento ou quais características permitem atribuir o significado de atividade empresarial às atividades de produção e comércio, por poder ter relação com diferentes combinações de elementos de diferentes períodos.

De acordo com Bondarik, Carvalho e Pilatti ([20--]), desde a época em que viveram os sumérios na antiga Mesopotâmia, há cerca de 4.000 a.C., a atividade empresarial se faz presente na sociedade. Nesse momento o homem percebe que precisa de produtos e serviços para suprir suas necessidades e passa a utilizar a agricultura e o comércio para isso, ou seja, a gênese das atividades empresariais estaria ligada às atividades de troca e ao acúmulo de excedentes.

Aleixo (2005) afirma que as empresas, quanto ao caráter institucional, que produzem e distribuem seus bens e serviços, remetem a um contexto histórico medieval (século V ao século XV), com a manifestação das feiras e praças de mercado, onde acontecia o comércio de alimentos, especiarias, sedas e inúmeras manifestações sociais, como festas, brigas de animais e apresentações teatrais.

A transição da Era Medieval para o Período Moderno possibilitou a circulação de mercadorias e o acúmulo de capital graças aos descobrimentos marítimos que, para Almeida (1999), viriam desenvolver a formação de grandes companhias colonizadoras. Na ótica de Miranda (2012), as navegações foram muito importantes pois contribuíram para a modificação do sistema econômico por meio da exploração e colonização de novas terras, o que acabou gerando um crescente fluxo de riquezas para a Europa, ampliando o comércio mundial. Além disso, foi um momento que serviu como preparação tanto para a Revolução Comercial (entre os séculos XVI e XVIII) quanto para a Revolução Industrial (entre os séculos XVIII e XIX).

O processo até se chegar nos conceitos recentes engloba o caminho comercial que desagua na industrialização. As atividades internas propiciaram o desenvolvimento dos estados europeus, ao mesmo tempo em que houve um grande acúmulo de riquezas decorrente da exploração de suas colônias (MIRANDA, 2012). Exemplo disso é a Inglaterra da segunda metade do século XVIII e início do século XIX, sede da Primeira Revolução Industrial, onde foram desenvolvidas as primeiras máquinas a vapor e as primeiras fábricas que iniciaram a produção em massa de bens de consumo, servindo como incentivo a diversos outros países europeus e aos Estados Unidos da América ao novo modelo de produção industrial.

Segundo Mumford (1998 apud ALEIXO, 2005), uma nova forma de organização da vida na cidade ocorreu a partir do final do século XVIII, por meio das mudanças econômicas, sociais e políticas provenientes tanto da Revolução Industrial Inglesa, quanto da Revolução Política Francesa. No século XIX, a terra urbana passou a ser objeto de investidas capitalistas, onde o capital imobiliário foi apropriando-se dos espaços urbanos parisienses e londrinos, criando áreas privilegiadas e novos espaços comerciais, conhecidos como galerias. De acordo com Aleixo (2005), em muitas das vezes, as galerias associavam espaços comerciais no pavimento térreo, enquanto os pavimentos superiores abrigavam áreas de habitação e serviços, sempre em harmonia com o fator urbano, destacando os espaços públicos à cidade.

É perceptível que a separação de atividades distintas concentradas em uma mesma edificação é utilizada desde o século V, com as praças de mercado medievais e depois, há mais de cem anos, com as galerias francesas e londrinas, sempre atendendo as necessidades da época. O complexo multiuso, assim como esses edifícios, atende uma necessidade atual, baseada em conceitos modernos como o das cidades compactas, em simplificar o cotidiano, oferecendo opções de uso em uma ou mais unidades localizadas na mesma área.

Conforme Aleixo (2005), na segunda metade do século XIX houve um forte investimento na organização comercial, de modo que a pequena loja se transformasse em um grande estabelecimento comercial, como uma loja de departamento. Ford (1994 apud ALEIXO, 2005, p. 22) conclui que “as lojas de departamento foram criadas sem grandes preocupações com a relação entre arquitetura e cidade”, num momento em que a produção em grande escala colocava em primeiro plano a distribuição eficiente dos produtos. Para Aleixo (2005), nesse momento, as galerias foram sendo desestruturadas com a contribuição das novas propostas urbanísticas de Paris. A construção de grandes eixos viários descaracterizou o ambiente de origem das galerias e a cidade passou a ser setorizada, separando os espaços comerciais dos residenciais e empurrando o comércio para fora da área central da cidade.

A cidade passava por transformações, a característica multifuncional e, até então, inovadora do século XIX, já não correspondia aos valores do século seguinte. A reprodução do ambiente urbano em um espaço fechado e protegido das lojas de departamento era uma resposta ao crescimento da escala das cidades. Com a expansão das cidades, o sucesso da loja de departamento dependia da localização em uma área de prestígio, servida por meio de transporte e próxima ao público que se buscava atingir. No século XX, as lojas de departamento seriam substituídas pelo shopping center, que surge nos Estados Unidos da América e é caracterizado pelo “agrupamento de estabelecimentos comerciais varejistas, num dado local” (VARGAS, 2001 apud ALEIXO, 2005, p. 23-24).

2.2 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS EMPRESAS NO BRASIL

A história empresarial é um campo de estudo recente e pouco sedimentada na historiografia brasileira. Embora ela seja pouco conhecida e difundida, se encontra em pleno processo de expansão e desenvolvimento (SOUSA, 2010). O atraso no início dos estudos sobre a evolução empresarial seria proveniente de dois fatores.

O primeiro fator diz respeito à falta de valorização da documentação das empresas, a nível mundial, onde elas são destruídas ou arquivadas sem critérios de coleta e classificação, ou não apresentam qualquer tipo de condição adequada para sua preservação (MACHADO, 2011). O segundo fator de atraso aos estudos empresariais no Brasil é a industrialização tardia, que é “resultado de uma economia dependente de tecnologia, matéria-prima e bens de capital provenientes de países industrializados” (SOUSA, 2010, p. 34). O primeiro surto industrial, que atingiu proporções significativas, ainda que conservador, só viria com a República, a partir de mercados para produtos industriais importados, da abolição da escravatura, da imigração europeia e de medidas de proteção tarifária e financeiras de dinheiro, adotadas pelo governo republicano (LOPES, 1980).

A partir da segunda metade do século XIX, com o fim do tráfico de escravos, uma nova oportunidade para a economia brasileira surgiu, pois, o fim dessa prática deixou livre uma grande soma de capitais a serem investidos. Na ótica de Mello (1998, p. 80), “tudo se iniciou com a introdução da estrada de ferro, comandada pelo capital mercantil nacional e apoiada, decisivamente, pelo capital financeiro inglês, única forma de rebaixamento dos custos de transportes”. Mas o impulso definitivo à industrialização teria que esperar até 1930. Nesse momento a lavoura cafeeira era a principal fonte de receita do país e, vinculada à industrialização, origina o que os pesquisadores apontam como a origem dos empresários e capitais, que possibilitaram a formação das indústrias dessa época, onde o investimento era oriundo da poupança pessoal ou familiar.

Já na década de 50, após um processo de amadurecimento das propostas do empresariado, um projeto industrializante viria a compor a matriz ideológica do governo de Juscelino Kubitschek. A criação de diversos grupos executivos vigorou o espírito representativo empresarial no interior do Estado. O empresariado passou a atuar politicamente, buscando representação em defesa de seus interesses. Com a redemocratização, a abertura econômica e a globalização estabeleceram a evidência das forças mercadológicas. O processo de privatizações e de retração da máquina estatal acaba gerando espaços e oportunidades de ampliação das atividades empresariais e de consolidação das suas participações político-econômicas. É nesse momento que, mediante a globalização, surgem oportunidades para as empresas brasileiras buscarem no exterior a ampliação de suas atividades (MACHADO, 2011).

2.3 A ARQUITETURA, A EMPRESA E AS PESSOAS NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

A chegada do século XXI, aliada a algumas transformações sociais em todo o mundo, implica uma nova ordem a ser incorporada pelas organizações no que diz respeito aos objetivos a serem alcançados, traduzido pela produção de bens e serviços em prol da satisfação dos consumidores, cada vez mais exigentes. Essas organizações, meio a essa nova ordem mundial, precisam se adequar tanto aos aspectos estruturais e tecnológicos, quanto aos humanos, culturais e intelectuais (MENEGHELLI, [20--]).

Uma organização que se preocupa com seu futuro está preocupada com uma série de fatores, como a globalização, os clientes, os produtos e serviços, a tecnologia, o conhecimento, os resultados e ainda as "pessoas", que são aquelas que giram as engrenagens da organização, e devem ser treinadas e motivadas para despertar o espírito empreendedor em cada uma delas, aferindo uma cultura participativa ao lado de oportunidades de plena realização profissional (MENEGHELLI, [20--]).

De acordo com Bergamini (1997), antes da Revolução Industrial, a motivação ocorria por meio de punições, criando um ambiente generalizado de medo. Meneghelli ([200--]) destaca que a maior parte das organizações foram estruturadas dentro de padrões de estabilidade e permanência. No entanto, diante da era da informação e globalização, esse modelo organizacional não consegue se sustentar. As organizações, cada vez mais, exigem de seus gerentes a criação de espaços que motivem e estimulem a criatividade das pessoas no ambiente de trabalho.

A infraestrutura do complexo multiuso pode trazer soluções para o dia a dia, de modo que os usuários aproveitem melhor o tempo. Isso é possível por meio do oferecimento de serviços concentrados no empreendimento. Cafés, lanchonetes, academia, e quaisquer outros estabelecimentos que formam um hub de serviços e atendem uma demanda real de usuários e clientes, trazem consigo bem-estar e praticidade, fatores que podem maximizar os resultados no ambiente de trabalho. Desse modo, a arquitetura torna-se indispensável não apenas para a imagem corporativa, mas também para uma melhor qualidade de vida e de produção.

Portanto, compreende-se que as pessoas, a motivação e a arquitetura, muitas vezes, coexistem. Mas é preciso, para isso, interligar a motivação das pessoas ao aspecto arquitetônico, independente da esfera administrativa da organização, respeitando a motivação intrínseca, de modo que se procure direcionar àquelas pessoas os efeitos causados pela composição da arquitetura. Com as empresas inseridas em um espaço aprazível e que respeite tanto o meio natural quanto as atividades sociais, o setor empresarial é alavancado.

2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O principal método utilizado na pesquisa foi o estudo de caso, importante para uma melhor compreensão da setorização, dos espaços e fluxos pertencentes aos complexos multiuso de caráter comercial e corporativo. O primeiro estudo de caso trata do Complexo Multiuso SIA, em

Brasília (DF), que é um projeto concebido com a ideia de se tornar um novo polo comercial, ao mesmo tempo em que interagisse com o entorno, a fim de compor um projeto em sintonia com a cidade. O segundo estudo de caso diz respeito ao SC-401 Square Corporate, o maior complexo multiuso do Sul do Brasil, localizado em Florianópolis (SC). O empreendimento se volta à valorização dos negócios e à qualidade de vida, harmonizando espaços de trabalho com a natureza do entorno.

Os estudos de caso tem por objetivo a caracterização física das obras e a configuração da forma dos edifícios. Desse modo foi possível compreender a maneira em que suas geometrias se apresentam e como ocorre o fluxo dos ambientes a partir da disposição de seus blocos. Foram ainda levantadas as informações sobre os processos construtivos e programa de necessidades, necessários para a elaboração do anteprojeto arquitetônico.

Além disso, foi realizado um estudo documental, que partiu da análise do Plano Diretor do município de Chapecó (SC), onde há a pretensão de instalação do empreendimento. Com isso foi possível fazer um levantamento das exigências construtivas que o município estabelece para o zoneamento onde se localiza o terreno escolhido para a instalação do complexo multiuso.

2.5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo aborda a descrição dos dados e a discussão dos resultados obtidos, oriundos de uma pesquisa descritiva que buscou analisar e registrar características e variáveis relacionadas aos fenômenos da esfera empresarial, abordados no decorrer da história por estudiosos da área, além de levantar as condicionantes para a implantação do complexo multiuso na cidade de Chapecó (SC).

O processo histórico evidencia que as empresas procuram alternativas de modificar suas estruturas e processos para não serem excluídas do mercado. O produto, que era o foco principal há alguns anos, divide espaço com a satisfação de clientes e colaboradores. Por meio dos estudos de caso,

foi possível compreender que a infraestrutura de um complexo multiuso atende uma demanda real, procurando facilitar a execução de tarefas cotidianas, como encontrar algum amigo ou cliente, fazer alguma compra ou refeição, de modo que esses fatores possam ser responsáveis por um melhor comportamento do profissional em seu ambiente produtivo, além de proporcionar novas experiências e sensações a todo e qualquer usuário. Isso representa um cenário novo e diferenciado para o setor empresarial da cidade de Chapecó (SC) e região, onde não existem empreendimentos que sigam esse conceito.

Para a concepção e implantação arquitetônica, foram realizados a escolha do terreno e o estudo de inserção urbana. Constatou-se que a duplicação e adequação do acesso Plínio Arlindo de Nes (Rodovia BR-480) resultou em melhorias na infraestrutura, na acessibilidade e na mobilidade urbana, que por consequência, acaba por consolidar o desenvolvimento e estimular o crescimento da região. Ao mesmo tempo, os próprios anéis viários e a malha projetam a expansão urbana que corre no sentido Norte, onde se localiza o terreno escolhido, que pode ser visto na Imagem 1.

No estudo documental, que se refere ao Plano Diretor do município de Chapecó (SC), foram consideradas todas as condicionantes legais do terreno, que possui 28.050,9 m², localizado em um zoneamento denominado como Unidade Funcional de Requalificação Territorial – UFRT, setor desenvolvido ao longo do Acesso Plínio Arlindo de Nes, onde deve ser promovida a requalificação dos ambientes e a minimização dos impactos ambientais existentes.

Nessa área a taxa de ocupação é de 50% para base e/ou torre, ou seja, com possibilidade construtiva que resulte em uma projeção horizontal de 14.025,45 m² de área sobre o lote. O coeficiente de aproveitamento é de no máximo 0,6, limitando a edificação a uma área total de 16.830,54 m², divididos em até 6 pavimentos, condicionando a uma construção horizontal, vista nas Imagens 2 e 3.

A soma desses fatores resultou em uma proposta inovadora para a cidade de Chapecó (SC), o Atrium Complexo Multiuso, com uma arquitetura

que destaca a humanização dos espaços, unindo o homem à natureza em seu local de trabalho, conforme a Imagem 4. Trata-se de um perfil de local de trabalho diferenciado, que acaba por formar um novo centro de negócios, lazer e compras para a cidade que abriga mais de 200 mil habitantes e é, sem dúvida, um polo comercial num raio de 300 quilômetros, que abrange os três estados do Sul do Brasil, somando 3 milhões de habitantes.

A conveniência oferecida no pavimento térreo foi pensada para atender tanto as áreas corporativas dos pavimentos superiores quanto à população em geral, que aos poucos se direciona à Região Norte da cidade, impulsionada pela expansão urbana. As praças e as demais áreas públicas do empreendimento, que podem ser vistas nas Imagens 5 e 6, reforçam a valorização da interação humana. Essas características representam uma nova concepção de trabalho, disposta a se estabelecer no setor por meio da união entre o funcional e o aprazível.

3 CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou recursos para a compreensão da organização corporativa externa, ligada à arquitetura, para o desenvolvimento do anteprojeto de um empreendimento comercial e corporativo capaz de intensificar o desenvolvimento econômico da cidade de Chapecó (SC) com a qualidade de vida da população. Como resposta, surge a proposta de uma nova forma de organização empresarial que considera a comunicação entre a construção e o entorno, resultando em um espaço integrado à natureza. Tudo isso para estimular as atividades sociais e intensificar a qualidade de vida dentro e fora do ambiente de trabalho, que se apresenta na forma de um moderno centro de negócios, lazer e compras.

Com a avaliação do processo evolutivo sofrido pelo setor comercial ao longo da história, é inegável que os interesses profissionais, econômicos e sociais passaram por uma transformação exponencial. A qualidade de vida influencia o rendimento profissional de pessoas e empresas, e é por isso que, gradativamente, essas empresas vão buscando novas formas de aumentar o

rendimento de suas equipes através de espaços que estimulem o processo criativo e aumentem a produtividade.

O processo de desenvolvimento do estudo contribuiu para compreender que o mundo está cada vez mais rápido, fazendo com que os costumes e as ações da sociedade acabem acompanhando um novo ritmo de mudanças. Nesse processo, algumas limitações precisaram ser encaradas, por se tratar de um conceito de trabalho relativamente novo, encontrado apenas nas grandes cidades. Esse fator é a razão da deficiência em materiais para estudo, além de ter sido o motivo para o deslocamento em busca de informações sobre o perfil do empreendimento pesquisado.

Para futuros estudos que venham a abordar o assunto, recomenda-se a continuidade em pesquisas que envolvam as relações interpessoais e a interação do homem com a natureza, como instrumentos do desenvolvimento de uma sociedade mais satisfeita com as condições urbanas oferecidas por uma arquitetura inteligente. O modelo, que abrange conceitos modernos relacionados ao crescimento urbano, também pode ser aplicado em outras cidades, como método de verificação de nuances e padrões nos resultados, ou ainda como mensuração do desempenho desse formato de empreendimento para o setor econômico e para a qualidade de vida dos usuários.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Cynthia Augusta Poleto. Edifícios e Galerias Comerciais: arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60. 2005. 283 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-07012007-201920/publico/EdificiosGaleriasComerciais.pdf> >. Acesso em: 22 abr. 2016.

ALMEIDA, Amador Paes de. Manual das Sociedades Comerciais. 12. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 1999. 445 p.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. Motivação nas Organizações. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997. 214 p.

BONDARIK, R.; CARVALHO, H. P.; PILATTI, L. A. História Empresarial: uma ferramenta para a gestão do conhecimento nas organizações empresariais in: IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, [20--], Ponta Grossa. Anais... p. 1-8. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/workshop/art17.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. Desenvolvimento e Mudança Social: Formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. 5. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980. 215 p.

MACHADO, Silvio Romero Martins. História de Empresas e a Evolução Empresarial. Revista Semina, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 1-26, jan./ago. 2011. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/ph/article/download/4635/3112>>. Acesso em: 07 abr. 2016.

MELLO, João Manuel Cardoso de. O Capitalismo Tardio. 9. ed. rev. 1ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1998. 182 p.

MENEGHELLI, Leocádio. O Ambiente das Organizações na Era da Globalização. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev01-03.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MIRANDA, Fernando Silveira Melo Plentz. A Mudança do Paradigma Econômico, a Revolução Industrial e a Positivização do Direito do Trabalho. Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania, São Roque, v. 3, n. 1, p. 1-24, 2012. Disponível em: <<http://www.facsaroque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Fer1.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

SOUSA, Sara Barbosa de. Memória Empresarial: interesse utilitarista ou responsabilidade histórica? 2010. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-29102010-131012/pt-br.php>>. Acesso em: 07 abr. 2016.

Sobre o(s) autor(es)

* Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC Xanxerê. robzard@gmail.com

** Arquiteto e Urbanista, professor e coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC Xanxerê, especialista em Desenvolvimento Regional e mestrando em Administração. anderson.ferreira@unoesc.edu.br

Imagem 1 - Terreno escolhido para a implantação do Complexo Multiuso.



Fonte: Robson Zardinello (2016).

Imagem 2 - Perspectiva frontal do Atrium Complexo Multiuso.



Fonte: Arquitetura MA e Ilustração 3D (2016).

Imagem 3 - Perspectiva dos fundos do Atrium Complexo Multiuso.



Fonte: Arquitetura MA e Ilustração 3D (2016).

Imagem 4 - Jardim privativo para reuniões de executivos.



Fonte: Arquitetura MA e Ilustração 3D (2016).

Imagem 5 - Praça central / área gastronômica.



Fonte: Arquitetura MA e Ilustração 3D (2016).

Imagem 6 - Praça lateral elevada / acesso à academia.



Fonte: Arquitetura MA e Ilustração 3D (2016).